

**Leitoras e leituras feministas no Brasil, Argentina e Uruguai (1960-1985)**

Joana Vieira Borges, UFSC<sup>1</sup>  
[joana\\_borges@hotmail.com](mailto:joana_borges@hotmail.com)

Os anos de 1960 a 1985 foram significativos na história dos movimentos feministas do Brasil, Argentina, e Uruguai, entre outros países latino-americanos, por apresentarem a particularidade das ditaduras militares<sup>2</sup>. Nos países em questão, os movimentos sociais, excluídos de sua livre expressão, e conseqüentemente sem o poder de manifestar-se livremente, sofreram as pressões exercidas pelos regimes de perseguições, prisões, torturas, desaparecimentos, e censura iniciados durante a década de 1960. Em outros países, em que a cidadania era respeitada, as atuações dos movimentos feministas e suas manifestações puderam acontecer nas ruas, como foi o caso da França, da Alemanha, Itália, Estados Unidos e Inglaterra. Essas manifestações correspondiam à luta pelo direito ao uso de contraceptivos, ao direito ao aborto, entre outras questões<sup>3</sup>. Em contrapartida, no Brasil - bem como nos outros países do Cone Sul - mulheres e homens que participavam não somente dos movimentos feministas como de outros movimentos sociais, foram ameaçados pelo regime militar no caso de se manifestarem publicamente sob o risco de serem identificados como “comunistas”<sup>4</sup>. Assim, por força de um contexto repressivo, as atuações dos movimentos feministas combinaram muitas vezes a militância política contra os regimes militares com as reivindicações aos direitos humanos.

Partindo desse contexto, esta comunicação pretende focar as leituras realizadas nos movimentos feministas do Brasil, Argentina e Uruguai entre as décadas de 1960 e meados da década de 1980, buscando compreender quais obras foram lidas nessas circunstâncias, e quais os impactos que essas produziram na constituição dos movimentos feministas e nas identificações pessoais com o feminismo. Através de entrevistas realizadas recentemente pelo projeto de pesquisa “**Cone Sul: ditaduras, gênero e feminismos (1960-1990)**”, coordenado Prof<sup>a</sup>.dr<sup>a</sup>. Joana Maria Pedro, procuro perceber as ressonâncias das leituras nas falas das feministas no intuito de perceber a

---

<sup>1</sup> Aluna do doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

<sup>2</sup> Brasil (1964-1985), Argentina (os golpes se deram em 1966 e 1976, e as redemocratizações em 1973 e 1983, respectivamente), Chile (1973-1988), Paraguai (1954-1989), Uruguai (1973-1985) e Bolívia (1964-1982, com interrupções no processo ditatorial).

<sup>3</sup> Ver, a este respeito, PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Mulheres: igualdade e especificidade. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (Orgs.). **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 265-309.

<sup>4</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o Perigo Vermelho**; o anticomunismo no Brasil (1917 - 1964). São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.

importância delas na construção dos movimentos e de suas leitoras. Ou seja, o objetivo central é refletir sobre um período específico da história do feminismo latino-americano através de uma geração de feministas que teve uma participação social significativa nos momentos políticos cruciais nas histórias de seus países através das narrativas sobre aquelas que foram suas leitoras. Entretanto, pela brevidade dessa apresentação irei me ater especificamente às leituras de **O Segundo Sexo**, de Simone de Beauvoir, dentre as tantas outras leituras citadas, lembrando assim os sessenta anos de publicação do texto.

## Leituras

Marcela Narí, que pesquisou sobre a forma como Simone de Beauvoir era mencionada em algumas revistas argentinas na década de 50 e 60<sup>5</sup>, sentenciou logo no início de seu artigo, intitulado “No se nasce feminista, se llega a serlo. Lecturas y recuerdos de Simone de Beauvoir em Argentina, 1950 y 1990”: “O escândalo que produziu em Paris não parece ter se reproduzido em Buenos Aires”<sup>6</sup>. De acordo com a autora, a polêmica que **O Segundo Sexo** gerou, quando publicado em espanhol na Argentina em 1954, pode ser definida como “uma trama um tanto difusa e sinuosa de um embate latente e esquivo”<sup>7</sup>. Ou seja, houve certa difusão do texto nos círculos intelectuais e políticos argentinos que estavam discutindo os sexos naqueles anos de 1950 e 1960.

Para a autora, no final da década de 90 na Argentina, parece que Simone de Beauvoir obscureceu Margareth Mead e Virgínia Woolf, mas nem sempre teria sido assim. Segundo Narí, **Um teto todo seu**, de Virgínia Woolf, aparece como mais citado e comentado nas revistas e publicações dos anos 1950 e 1960 do que **O Segundo Sexo** no que diz respeito ao “problema da mulher”<sup>8</sup>. Contudo, anos mais tarde, é que será reconhecido o silencioso golpe que **O Segundo Sexo** causou na intelectualidade argentina.

As leituras de Virgínia Woolf também foram evidenciada nas falas de algumas das feministas argentinas entrevistadas para o projeto e com as quais estou trabalhando, e podemos pensar que isto ocorreu possivelmente por conta dessa repercussão nas revistas argentinas. Nas narrativas de Adriana Boria<sup>9</sup>, Dora Barrancos<sup>10</sup> e Mirta Henault<sup>11</sup>, por exemplo, a leitura de

---

<sup>5</sup> Em ambos os trabalhos a questão da repercussão desse texto é analisada através de entrevistas com mulheres que durante os anos 1960, 70 e 80 viviam sua juventude nas universidades e/ou militando em movimentos sociais ou partidos políticos, ou seja, agindo contra a ordem instaurada nos períodos de regime militar, iniciados nesses países durante os anos de 1960. Marcela Narí utilizou ainda revistas culturais e literárias argentinas da década de 1950 a 1990.

<sup>6</sup> NARI, Marcela María Alejandra. Op. Cit., p. 59.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> NARI, Marcela María Alejandra. Op. Cit., p. 60

<sup>9</sup> BORIA, Adriana. [s/local]: [s/d]. Entrevista realizada pela Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Cristina Scheibe Wolf e transcrita por Juliano

Virgínia Woolf foi citada como uma das leituras importantes do momento em que elas se identificaram com o feminismo.

Eu não fui influenciada por Simone de Beauvoir. Mas fui por Virginia Wolf. Não sei por que, me parecia muito sartreana, e que continuo achando (risos), mas teve seu mérito, seu grande valor, principalmente a última época de Simone de Beauvoir, quando já se dizia feminista. Simone sempre teve a influência de Jean Paul. Não sei, isso é o que eu acho.<sup>12</sup>

Narí trabalhou ainda com entrevistas<sup>13</sup>, embora tenha dedicado um espaço menor a elas em seu artigo, fornecendo poucas informações sobre as leituras. Ao lerem **O Segundo Sexo**, na década de 1950 e 60, as argentinas entrevistadas por ela afirmaram que o texto de Beauvoir lhes despertou, nesse momento, a subordinação feminina como um problema para “as outras”<sup>14</sup>. Para a maior parte delas a militância política era a causa primordial e a desigualdade de gênero seria desarticulada assim que a igualdade de classes fosse alcançada. Em algumas narrativas das feministas entrevistadas pelo projeto do qual faço parte, encontrei essa mesma forma de identificar a discriminação sexual como um problema para outras mulheres (donas de casa, esposas e/ou mães) que seriam as verdadeiras oprimidas e alienadas. Até mesmo Simone de Beauvoir, num primeiro momento, afirmava que sua situação intelectual, seu modo de viver a profissão e a vida, e seus relacionamentos com as outras pessoas, não fazia dela uma mulher discriminada por conta da opressão masculina<sup>15</sup>. Segundo Narí, a discriminação de gênero só foi percebida por essas mulheres depois de passarem por processos de ruptura com os grupos políticos ainda nos anos 1970, quando então muitas delas se tornaram feministas e leram o livro de Beauvoir. Entretanto, para Sara Torres, feminista argentina entrevistada para o projeto sobre os feminismos no Cone Sul, a leitura desse texto foi fundamental para ela ainda no final da década de 1950.

Eu comecei a me relacionar com a problemática, que ainda não tinha o nome de feminismo, desde o ano de 1959, em que li *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir. Então, bem, isso foi um “clac” (sic) que me deu na cabeça, eu tinha dezenove anos, e a partir daí foi como uma ferramenta para olhar a realidade de um outro ângulo e me dar conta dos papéis definidos, as injustiças dos papéis (...) E

---

Malinverni da Silveira. Acervo LEGH/UFSC.

<sup>10</sup> BARRANCOS, Dora. Argentina: [s/d]. Entrevista realizada pela Prof<sup>ra</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roselane Neckel e transcrita por Vivian Barbosa Moretti e Margareth Victória Kolb. Acervo LEGH/UFSC.

<sup>11</sup> HENAULT, Mirta. Buenos Aires: 23 fev. 2007. Entrevista realizada por Ana Maria Veiga e transcrita por Soraia Carolina de Mello. Acervo LEGH/UFSC.

<sup>12</sup> HENAULT, Mirta. Buenos Aires: 23 fev. 2007. Entrevista realizada por Ana Maria Veiga e transcrita por Soraia Carolina de Mello. Acervo LEGH/UFSC.

<sup>13</sup> Marcela Narí trabalhou com entrevistas que foram realizadas com mulheres de classe média que nos anos 1950 e 60 tiveram alguma participação política, e que nos anos 1970 e 80 começaram a se considerar feministas

<sup>14</sup> NARI, Marcela María Alejandra. Op. Cit., p. 70.

<sup>15</sup> Ver, a esse respeito, BEAUVOIR, Simone de. 'Simone de Beauvoir: The Second Sex 25 years later', **Society**, Jan.-Feb. 1976, 79-8. Entrevista concedida a John Gerassi. Disponível em: <[http://www.simonebeauvoir.kit.net/artigos\\_p02.htm](http://www.simonebeauvoir.kit.net/artigos_p02.htm)>. Acesso em: 13 jan. 2007.

quando começam os 60 (anos) o movimento nos Estados Unidos, todo o tempo eu lia o que aparecia ali e em outras partes do mundo e dizia: “quando, aqui na Argentina, vamos poder fazer algo assim?”<sup>16</sup>

Narí defende em seu artigo a idéia de uma leitura privada do livro de Simone de Beauvoir, concluindo que não há relatos de leituras coletivas de **O Segundo Sexo** nos grupos de conscientização feministas argentinos. Contudo, podemos supor alguma leitura coletiva desse ao nos depararmos com a fala de Sara Torres sobre suas leituras. A feminista entrevistada narrou ainda a dificuldade que era no período em que fez parte da UFA (União Feminista Argentina) de conseguir um livro, traduzi-lo, datilografá-lo, copiá-lo através do mimeógrafo, para posteriormente distribuí-lo as demais. Além disso, esse trabalho empreendido em grupo deu início a articulação de “grupos de conscientização”.

No Uruguai, Graciela Saprizza, também narrou uma leitura coletiva de **O Segundo Sexo** ainda no final da década de 1960, logo, anos antes da ditadura uruguaia (1973-1985). Para ela a leitura se deu na sua juventude com um grupo de amigas.

(...) fui uma leitora adolescente, 14 e 15 anos, de Simone de Beauvoir, porque tive uma formação bilíngüe francesa e espanhola (...) eu li muito o existencialismo de Sartre e Simone de Beauvoir, li também *O Segundo Sexo*, com algumas parceiras, digamos, com algumas companheiras, estou falando de 16 anos, 17. Comentávamos *O Segundo Sexo*, e de alguma forma, sim, nos moveu um pouco, simultaneamente pensava também na militância política, nesses anos foram muito ativos, de muito compromisso político (...) (Graciela)<sup>17</sup>

No Brasil, o conhecimento sobre a singularidade de **O Segundo Sexo** e a importância de sua autora no cenário de discussões brasileiras aconteceu, inicialmente, ainda na década de 1950, por pessoas que tiveram um contato mais próximo com as leituras estrangeiras, e se intensificou durante os 60 e 70, quando informações sobre a repercussão do texto em outros países foram difundidas entre os círculos literários, provocando uma procura pela leitura nos meios acadêmicos, intelectuais e de militância feminista. Esse contato também foi se fortalecendo à medida que as informações chegavam através das pessoas exiladas<sup>18</sup> e pela visita da autora francesa ao Brasil em 1960<sup>19</sup> De acordo com Maria Valdez Coelho da Paz:

Me tornei feminista em Paris. Comecei abrir os olhos em contato com um tipo de informação que passou a ser veiculada partir da existência do Movimento de

<sup>16</sup> TORRES, Sara. Buenos Aires: [s/data]. Entrevista realizada e transcrita por Ana Maria Veiga. Acervo LEGH/UFSC.

<sup>17</sup> SAPRIZZA, Graciela. Uruguai: [s/d] set. 2006. Entrevista realizada pela Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Roselane Neckel e transcrita por Veridiana Bertelli Ferreira de Oliveira.

<sup>18</sup> TORRES, Sara. Buenos Aires: [s/data]. Entrevista realizada e transcrita por Ana Maria Veiga. Acervo LEGH/UFSC.

<sup>19</sup> Em 12 de agosto de 1960, Simone de Beauvoir e Sartre desembarcaram no Brasil, no aeroporto de Guararapes (Recife), e recepcionados por Jorge Amado começaram sua trajetória de palestras em universidades pelo país, passando por Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. **A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960**. Campinas, SP: Mercado das Letras: São Paulo: Fapesp, 2002. p. 96-98.

Libertação das Mulheres. (...). Ler publicações feministas. A convivência e discussão com outras mulheres, francesas e brasileiras, que já se preocupavam com o assunto. Essas novas informações começam a pôr em cheque os valores que eu tinha e repercutiram no modelo assimilado (...) (Depoimento de Maria Valderez Coelho da Paz, abril de 1978)<sup>20</sup>

Com a anistia, em 1979, as exiladas retornaram ao país trazendo não somente novas experiências e discussões, mas também leituras, arregimentando dessa forma o movimento feminista ainda em fase de fortalecimento no Brasil. Essas mulheres tiveram acesso tanto às mobilizações em benefício de direitos às mulheres em outros países, como também a possibilidade de discutirem abertamente as instrumentalizações teóricas que recebiam através de leituras como, por exemplo, **A Mística Feminina**, de Betty Friedan; **Política Sexual**, de Kate Millet; **A Condição da Mulher**, de Juliet Mitchell; **A Dialética do Sexo**, de Sulamith Firestone; entre outras. Outras feministas brasileiras, embora não exiladas, mantiveram contato com essas pessoas por correspondência.

As falas das feministas brasileiras indicaram como se deram os primeiros contatos do texto com suas leitoras, mostrando como o debate sobre a “condição da mulher”, lançado por Simone de Beauvoir em 1949, começou a circular nos meios acadêmicos, intelectuais, e de militância feminista no Brasil: seja emprestado por amigas e irmãs; por intermédio de um professor nas universidades; através dos grupos de mulheres; em português ou francês. Eulália Azevedo, pesquisadora do NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, narra sua leitura de **O Segundo Sexo** assim:

Eu já tinha lido Beauvoir nesse período. (...) quando eu entrei no partido, junto com a leitura de Marx, que já era anterior um pouco, e vim mesmo a reafirmar essa leitura e o estudo de Marx foi quando eu assumi o PC do B. Eu também já comecei a fazer leituras de Beauvoir junto com essa menina que era psicóloga de lá de Belo Horizonte, que as amigas dela já questionavam também muito essas questões (Eulália)<sup>21</sup>

Apesar de ser comumente citado nas falas como uma das leituras chaves realizadas neste período de engajamento com a causa feminista, algumas das entrevistadas não situam **O Segundo Sexo** como a leitura de maior relevância, uma vez que viviam outras situações no momento da leitura, como no caso de Eulália Azevedo, vista anteriormente, como na de Suely Gomes da Costa - professora da Universidade Federal Fluminense - leu **O Segundo Sexo**, em português no ano de 1962, durante sua época de faculdade por sugestão de um professor:

---

<sup>20</sup> Depoimento de Maria Valderez Coelho da Paz, abril de 1978. In: COSTA, Albertina de O. **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 350.

<sup>21</sup> AZEVEDO, Eulália. Salvador: 03 dez. 2004. Entrevista realizada pela Prof<sup>ra</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joana Maria Pedro.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

(...) qual foi o impacto dessa leitura. Eu acho que não foi nenhum. Foi uma coisa muito cerebral. Eu era militante, nessa época fazia o curso de serviço social. Eu era militante de esquerda, representante de Diretório Acadêmico, fazia política universitária, então eu não tive nada do que o feminismo pintou em mim com essa leitura (Suely) <sup>22</sup>.

Qualificando-o como “doentio”, “chato”, “cerebral” e “psicanalítico demais”, certas leitoras não atribuíram ao texto de Beauvoir o status de “marco histórico” para o movimento feminista. Algumas falas apresentaram as primeiras impressões da leitura de **O Segundo Sexo** como um texto denso; umas começaram a ler e não terminaram; outras afirmam que não gostaram, mas que à medida que o tempo passou retornaram a leitura e se sentiram “encantadas”; e há ainda aquelas que negaram toda e qualquer influência do texto para suas vidas. Entretanto, a maioria fez questão de reconhecer uma relevância, pioneirismo e singularidade da autora e do texto para o debate feminista internacional. No caso de Rachel Soihet, a professora na Universidade Federal Fluminense afirma ter lido **O Segundo Sexo** em francês, no fim da década de 50, e também indica outras leituras que teria feito posteriormente ao texto de Simone de Beauvoir, e que teriam sido igualmente relevantes ao movimento feminista naquele momento.

Simone de Beauvoir. (...) Foi década de 50, 60, quando foi traduzido. Eu li ainda o francês que tenho até hoje. (...) Ainda não tinha edição em português. (...) Depois eu li outras coisas: a Betty Friedan, a Sulamith - aí já bem mais a frente. A Simone de Beauvoir me impressionou muito. Eu me identifiquei muito com a leitura, que já era uma coisa que estava dentro de mim. Mais tarde eu li *A Mística Feminina*, isso já foi mais tarde. (...) Ela veio lançar o livro, eu sei, aí eu não devo ter lido em 71, li mais ou menos, talvez nessa época que você está colocando (1973). Aí fiz outras leituras, me lembro da Shulamith Firestone, esses livros que saíram na época.<sup>23</sup>

De uma forma ou de outra, as leituras de **O Segundo Sexo** no Brasil foram realizadas pelas feministas entrevistadas na medida em que esta leitura se apresentava como uma senha de acesso ao que vinha sendo debatido nos movimentos feministas ao redor do mundo; um meio de legitimação. Ler de forma fragmentada, integral, ou até mesmo obter e indicar informações mesmo que esparsas sobre a obra e sua autora, era também mostrar-se inserida em um círculo intelectual feminista que tinha suas ditas “leituras de base”. Segundo Maria Lygia Quartim de Moraes:

As feministas marxistas brasileiras incluíam em sua bibliografia obrigatória autores como Marx, Engels, Alexandra Kollontai, Simone de Beauvoir e Juliet Mitchell. As preferências literárias das feministas revelam a preocupação com certas questões centrais para as quais o marxismo fornecia um modelo explicativo. Urgia

<sup>22</sup> COSTA, Suely Gomes da. Florianópolis: 17 fev. 2005. Entrevista realizada pela Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Joana Maria Pedro.

<sup>23</sup> SOIHET, Rachel. Florianópolis: 02 set. 2004. Entrevista realizada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joana Maria Pedro.

enfrentar o discurso conservador que preconizava a conformidade da mulher com seu destino de mãe e esposa.<sup>24</sup>

O momento político do Brasil vivido pelas feministas entrevistadas, bem como suas experiências individuais e coletivas nos movimentos sociais, aponta-nos as orientações históricas que estavam influenciando essas leitoras na produção de sentidos que extraíram de suas leituras de **O Segundo Sexo**. Havia naquela época, ao menos para algumas das feministas brasileiras e argentinas entrevistadas, um interesse maior por leituras que se aproximassem do marxismo e do pensamento de esquerda, e a preferência por Juliet Mitchell<sup>25</sup> e Alexandra Kollontai, - são exemplos dessa tendência que se justifica pelo próprio contexto repressivo vivenciado no país nos anos 1960 e 70. Mirta Henault, por exemplo, narra em sua entrevista, que foi o texto de Juliet Mitchell, “Mulheres: A revolução mais longa”, que lhe teria despertado a identificação com a causa feminista nos anos de 1970. O contato com o texto se deu por intermédio de um colega que lhe pediu para traduzi-lo<sup>26</sup>.

Em relação ao contexto político dos países, percebemos que em seu artigo Narí não destaca a questão dos períodos de regime militar na Argentina como uma possibilidade na escolha das leituras. Contudo, Alejandra Ciriza<sup>27</sup> – feminista argentina entrevistada para o projeto Cone Sul – citou Simone de Beauvoir e Alexandra Kollontai, entre outras, como autoras importantes em sua formação. Com a proposta de levantar questões sobre o feminismo em meio à célula de esquerda na qual militava, a entrevistada passou a levar textos de Alexandra Kollontai às reuniões para que o feminismo socialista fosse debatido conjuntamente a outras leituras do grupo, como os textos de Engels.

É provável que na Argentina e no Uruguai, assim como percebi no Brasil, tenha existido um interesse maior por leituras que se aproximassem das teorias marxistas e socialistas e que se justificaria pelo próprio momento político do país, e que inicialmente apresentava-se através de uma

---

<sup>24</sup> MORAES, Maria Lygia Quartin de. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. **Crítica Marxista**, n.11, p. 92, 2000.

<sup>25</sup> As feministas citam o artigo “Mulheres: a revolução mais longa”, de Juliet Mitchell, que foi publicado na **Revista Civilização Brasileira**. Ano III. Nº. 14. Julho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967. Bimestral. Importante atentarmos para o fato de que através da leitura deste artigo algumas feministas possam ter tomado conhecimento do texto de Beauvoir. Ou seja, a leitura do livro através de outros suportes, neste caso, o artigo de Juliet Mitchell é um exemplo.

<sup>26</sup> HENAULT, Mirta. Buenos Aires: 23 fev. 2007. Entrevista realizada por Ana Maria Veiga e transcrita por Soraia Carolina de Mello. Acervo LEGH/UFSC.

<sup>27</sup> CIRIZA, Alejandra. Argentina: 27 out. 2006. Entrevista realizada pela Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup> Cristina Scheibe Wolff e transcrita por Veridiana Bertelli Ferreira de Oliveira. Alejandra Ciriza participou ativamente do movimento feminista na Argentina.

“dupla militância”: atuação nos grupos feministas e nos partidos políticos durante os períodos de ditadura militar, que com os anos foi se desarticulando e se direcionando para o projeto feminista<sup>28</sup>

Partindo das narrativas memorialísticas abordadas, tanto no trabalho de Marcela Narí como as que estão sendo produzidas pelo projeto de pesquisa “**Cone Sul**: ditaduras, gênero e feminismos (1960-1990)”, observei duas questões que se apresentam pertinentes às propostas da história da leitura. Primeiramente, havia todo um momento contestatório à ditadura militar como pano de fundo dessa geração de leitoras entrevistadas e que as influenciava em relação à escolha das leituras que deveriam ser realizadas. Concomitante a isso, havia igualmente a história pessoal de cada uma delas, suas experiências, o que age decisivamente sobre as leituras. Segundo Alda Motta, feminista brasileira:

Como eu encontrei Simone, não me lembro muito. Talvez pela literatura, mas eu não li as obras literárias dela, a não ser alguma coisa. Eu comecei pelo *O Segundo Sexo* Quando eu li, quando eu tive acesso, que eu não me lembro, ao segundo volume, aí toda minha visão mudou. Eu fiquei encantadíssima. Aquele capítulo *A Moça* era um retrato do meu tempo de jovem e ainda algum tempo depois. Tinha umas coisas que eu achava geniais (...) E aí eu fui descobrindo outras pessoas, por exemplo, alguém que era muito pouco conhecida (...) a Germaine Greer<sup>29</sup>

A minha intenção é a de observar essas narrativas na capacidade que elas têm de abrir um leque de possibilidades para a construção de uma subjetividade socialmente compartilhada Ou seja, de tornar possível a partir dos elementos que fornecem a realização de uma história da leitura de **O Segundo Sexo** para uma determinada geração de leitoras brasileiras, argentinas e uruguaias. Para uma geração de feministas que compartilhou trajetórias pessoais e experiências similares, caracterizadas por períodos históricos vivenciados coletivamente.

---

<sup>28</sup> Ver, a esse respeito, GRAMMATICO, Karin. Las mujeres políticas y las feministas en los tempranos setenta: un diálogo (im)posible? In: ANDÚJAR, Andrea; D’ANTONIO, Débora et ali (orgs.). **História, gênero y política en los 70**. Buenos Aires: Feminaria, 2005.

<sup>29</sup> Ver, a esse respeito, GRAMMATICO, Karin. Las mujeres políticas y las feministas en los tempranos setenta: un diálogo (im)posible? In: ANDÚJAR, Andrea; D’ANTONIO, Débora et ali (orgs.). **História, gênero y política en los 70**. Buenos Aires: Feminaria, 2005.